

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A CASA DOS PEIXOTOS DE S. PEDRO DE AZURÉM, GUIMARÃES.

MACHADO, José Moura

Ano: 1973 | Número: 83

---

### Como citar este documento:

MACHADO, José Moura, A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém, Guimarães.  
*Revista de Guimarães*, 83 Jan.-Dez. 1973, p. 145-164.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém — Guimarães

Por JOSÉ DE MOURA MACHADO

---

## I — *Intróito*

Legou-nos a Idade Média expressões, dentro das artes plásticas, de superior nível e espantoso espírito criador.

Destacam-se, como criações particularmente espetaculares, as obras no domínio da arquitectura.

Aquí, a arte medieval atinge o seu valor máximo no intervalo de tempo que vai da segunda metade do século XII aos fins do século XV.

Na verdade, na última metade daquele século, surge em França o movimento de transição do período românico para uma nova forma de expressão arquitectónica, a qual mais tarde iria denominar-se *arte gótica* (1).

«Na civilização ocidental o gótico é, com a arte grega, o único exemplo de renovação completa de um vocabulário formal, por invenção íntegra de um estilo.» — escreve Germain Bazin (2).

Jamais, sem dúvida, se havia verificado, até então, uma inspiração tão fecunda e um espírito criador tão

---

(1) Denominação introduzida pelos italianos da Renascença (Rafael), tomada como sinónimo de *bárbara* e popularizada pelo historiador de arte, Vasari (1574).

«On a proposé de donner à l'art gothique le nom d'art français; mais cette expression prête à l'équivoque, si l'on n'ajoute pas: *du dernier tiers du Moyen Age*, ce qui la rend longue et incommode. Mieux vaut s'en tenir à celle que l'usage a consacrée.»

Salomon Reinach «*APOLLO*», ed. de 1927, pág. 105.

(2) «*Historia del Arte*», trad. espanhola — Ed. Omega S. A. 1961 — Barcelona, pág. 133.

pujante, traduzidos na consecução de novas estruturas (arco botante e abóbada nervada) e na adopção duma originalidade surpreendente na decoração, dentro dum *realismo* impressionante.

Constituiu este movimento uma reacção às influências orientais de idolatria no românico e tinha como objectivo encetar uma nova estética, mais a carácter com a simplicidade primitiva da doutrina de Cristo.

É este novo estilo que os monges de Cister, discípulos de S. Bernardo, o Santo Abade de Claraval, nos trazem da Borgonha para Alcobaça, onde D. Afonso Henriques, por sua própria mão, lança a primeira pedra na capela mor da igreja, a 2 de Fevereiro de 1148, segundo Frei Manuel dos Santos (1710) (3).

Estava-se longe de pensar no que tal manifestação representaria de insólito na curva da evolução da nossa História da Arte pela actualidade de que se revestiu no momento.

Foi um autêntico grito de novidade e avanço, se atendermos a que em Coimbra construía-se, entre 1162 e 1184 (4), a Sé Velha nos moldes românicos de Auvergne.

É certo que, após a morte de S. Bernardo em 1153, o gótico de Alcobaça, acompanhando a evolução do «novo estilo» no sentido duma maior altura (5) que não se coadunava tanto com os ideais de modéstia e humildade do Santo Abade, processou-se morosamente, e a igreja viria apenas a ser sagrada em 20 de Outubro de 1222. Há mesmo uma evidente estagnação do estilo cisterciense entre nós; o que leva Mário Chicó a observar, ao referir-se a Alcobaça: «um caso especial só muito tarde repetido em Santa Maria da Vitória» (6). E Aarão de Lacerda acrescenta: «Alcobaça é uma surpreendente antecipação sem consequências, embora a influência cisterciense se tenha feito sentir talvez nas Sés do Porto, de Braga e também na de Évora, pelo que há de virtualmente gótico nestes templos...» (7).

(3) Aarão de Lacerda — *História da Arte em Portugal*, vol. I, pp. 338 e 339.

(4) Aarão de Lacerda — *ob. cit.*, vol. I, p. 350.

(5) Surgiu a arquitectura das Ordens Mendicantes.

(6) Aarão de Lacerda — *ob. cit.*, vol. I, p. 341.

(7) Aarão de Lacerda — *ob. cit.*, vol. I, p. 351.

## II—*A Casa dos Peixotos*

A CASA DOS PEIXOTOS, também conhecida por CASA DE Pousada, por pertencer à Quinta com este nome, fica situada na freguesia de S. Pedro de Azurém do Concelho de Guimarães, e pode considerar-se como um dos exemplos da influência do gótico alcobacence.

Edificação do século XIII, de espessas paredes a acusarem o ambiente românico que ainda então nos dominava, esta construção foi, possivelmente, uma das primeiras manifestações do estilo cisterciense, em arquitectura civil, no Norte do País.

Apresenta a sua traça, na parte com maior interesse arqueológico (medieval — séc. XIII), claras influências daquele estilo.

As duas janelas, uma a Sul e outra armoriada a Nascente, bem como uma porta, hoje a ligar a primitiva parte medieval com o acréscimo feito posteriormente, são elementos insofismáveis a atestar o advento da influência de Cister a estas paragens. Trata-se, sem dúvida, da manifestação de um gótico primitivo, mesmo de transição, não só pela forte espessura das paredes, já referida, mas ainda pela curta dimensão da flecha das ogivas e, bem assim, pelo seu aspecto geral.

A janela na face da casa voltada a Sul (figs. 1 e 5), embora apareçam com aquele recorte geminado aberturas em construções posteriores, mesmo no séc. XV, as suas dimensões localizam-na bem nos primórdios do estilo gótico.

A outra, armoriada e voltada a Nascente (fig. 2), é encimada por uma moldura em ogiva que abriga os elementos heráldicos constituídos por dois escudos axadrezados dispostos simetricamente em relação à linha que contém a flecha do arco e, mais acima e semelhantemente dispostos, dois discos em que estão gravados, sobre cada um, dois sulcos em V. São raros os exemplares heráldicos desta época, o que vem valorizar sobremaneira esta janela.

É a casa uma edificação roqueira, apoiada como está sobre enormes e arredondadas massas graníticas, visando esta localização, certamente, objectivos de defesa.

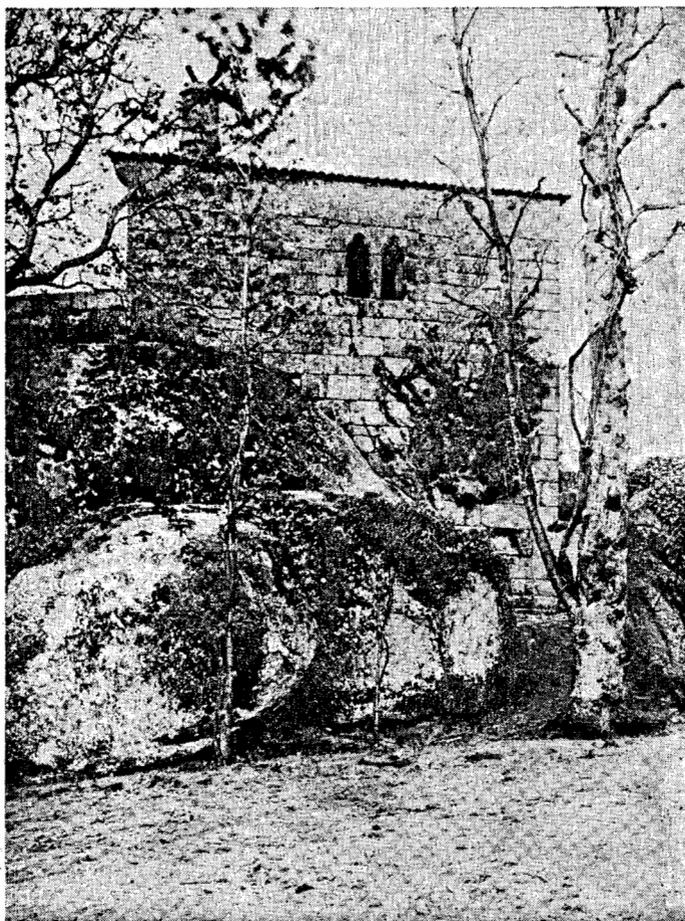


Fig. 1 — Casa dos Peixotos, antes do restauro de 1903 (lado Sul).

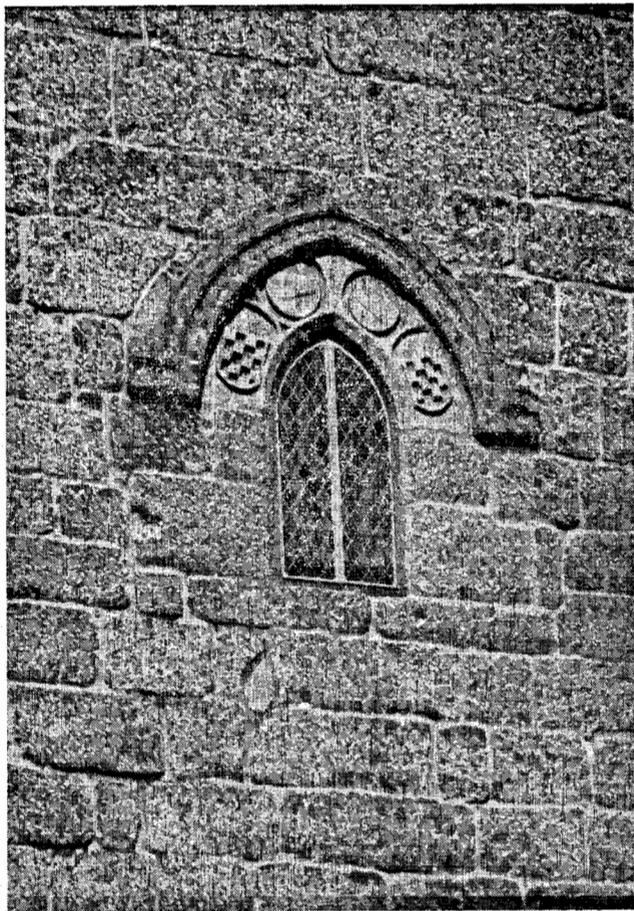


Fig. 2 — *Casa dos Peixotos*—*Janela armoriada* (Séc. XIII).

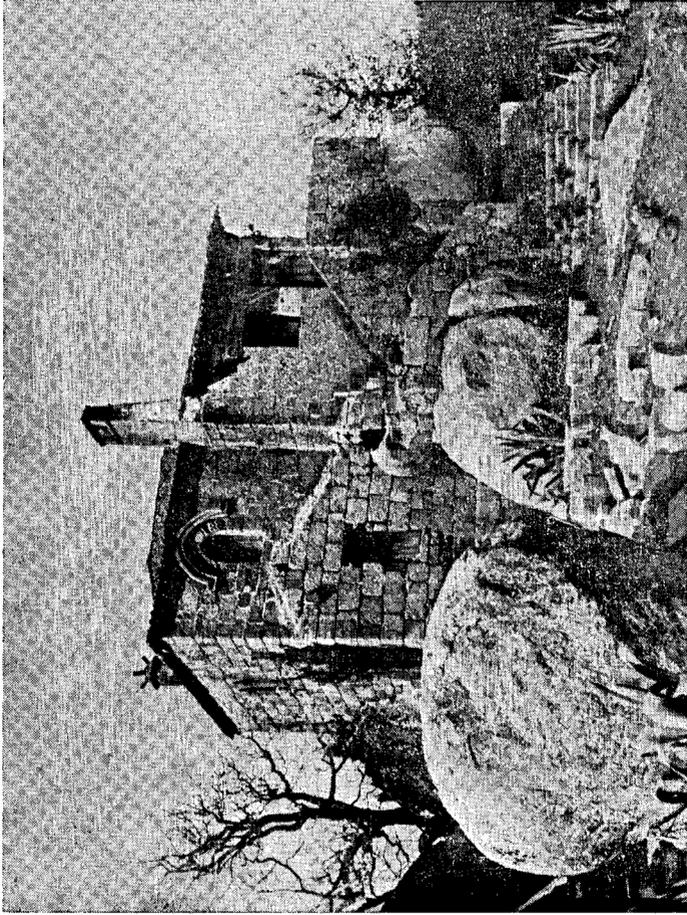


Fig. 3—Casa dos Peixotos, antes do restauro de 1903 (lado Nascente).

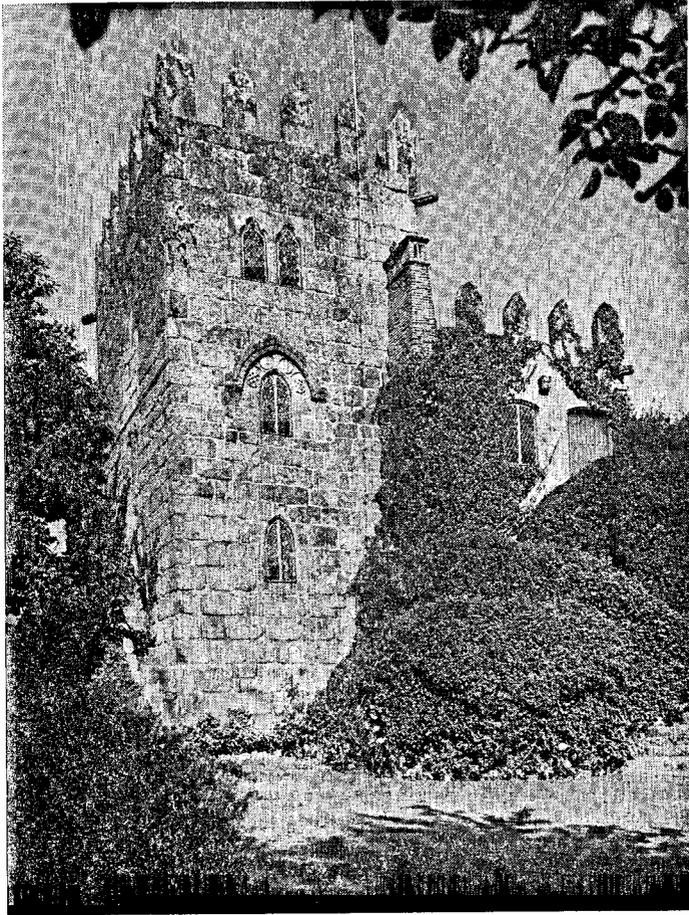


Fig. 4 — *Casa dos Peixotos — Estado actual.*



Fig. 5 — *Casa dos Peixotos* — *Vista interior da janela geminada voltada a Sul (Séc. XIII).*

Foi solar dos Morgados Peixotos<sup>(8)</sup> que descendem de um filho natural de D. Afonso Henriques, D. Fernando Afonso de Toledo, assim apelidado por ter vivido nesta cidade castelhana ao serviço de D. Afonso VI, seu bisavô<sup>(9)</sup>.

Mas o apelido de Peixoto só figura na quarta geração com Gomes Viegas, o Peixoto, segundo filho de D. Egas Henriques de Portocarreiro e Dona Teresa Gonçalves de Curveira.

Herói na defesa do Castelo de Celorico da Beira, Gomes Viegas deve o seu êxito a «um estratagema hábil com um peixe»<sup>(10)</sup>, donde resultou a alcunha de Peixoto que apelidou a descendência. É, todavia, na sexta geração, com Gonçalo Gonçalves Peixoto, terceiro filho de Gonçalo Gomes Peixoto, que o Morgadio é instituído pelo testamento feito por aquele morgado no dia 8 de Maio de 1340 (1302 da era de Cristo)<sup>(11)</sup>.

<sup>(8)</sup> «Gozou sempre, desde o séc. XIII, as honras de Casa da primeira nobreza de Guimarães». Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno* (1876), vol. VII, p. 601.

<sup>(9)</sup> «Mostrador pertencente à Casa de Pousada. Feito no ano de 1794 por José Felipe de Sousa de Carvalho». Existe no arquivo da casa.

<sup>(10)</sup> Afrânio Peixoto, *Viagens na Minha Terra*, p. 115. Este «estratagema» consistiu em oferecer uma truta do mar ao Conde de Bolonha, mais tarde Rei D. Afonso III, que dirigia o cerco, truta essa que um corvo marinho havia deixado cair no interior do castelo.

Tal oferecimento, tomado pelo príncipe como indício de abundância entre os sitiados, teve como consequência o levantamento do cerco.

<sup>(11)</sup> O Padre António Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* (1705), 2.<sup>a</sup> ed. de 1868, p. 67, diz, porém, que o «Morgado de Pousada» foi instituído em 1222.

O mesmo escreve o padre Torquato d'Azevedo nas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (1692), ed. de 1845, p. 357.

Eduardo de Almeida, na sua *Peregrinação pelo Termo de Guimarães*, p. 318, faz referência a este morgadio através duma nota em que cita a obra do Padre Caldas, *Antigos morgados e vínculos instituídos pelos moradores de Guimarães*, onde este diz também ter sido o morgadio instituído em 1222 com o título de Morgado de Pousada «de que é solar a quinta deste nome, na freguesia de S. Pedro de Azurém, subúrbios de Guimarães».

No arquivo da Casa, todavia, além do «Mostrador» que dá a notícia do testamento como instituidor do morgadio em 1340, existe um documento — «Justificação de Manuel Peixoto de

Gonçalo Gonçalves Peixoto, Abade de Telões, de Vila Cova e Cónego da Sé de Braga, estabelece nesse testamento, ao vincular o morgadio, as normas de sucessão do mesmo, de entre as quais é curioso referir-se a respeitante aos pretendentes, filhos de clérigos. Estes podiam ser morgados, uma vez legitimados.

Reza literalmente assim o «Mostrador pertencente à Casa de Pousada» (1794), ao dar notícia do testamento: «Instituo o Morgado de Pxt<sup>os</sup>. com Capella, q̃ esta ao entrar da porta da Sancrestia do Mosteiro de Pombeiro, e ahí mandou sepultar seu Corpo, e q̃ os Padres de Pombeiro dicessem cada dia duas missas, e lhe pagarão por ellas cada anno 60 Livras, e os Ademenistradores terão na Capella hua Lampeda aseza de dia e de Noute.»

Esta cláusula relativa às missas e abrangendo o azeite que alimentaria a lâmpada, deu origem a uma Bula Apostólica datada de 1540<sup>(12)</sup>, requerida pelo então Administrador do morgadio, Francisco Peixoto de Carvalho, «cavaleiro fidalgo», e dirigida à Colegiada com o fim de serem por esta convocados os frades de Pombeiro para se discutir e regularizar o assunto.

Tem para nós bastante interesse este documento, uma vez que está relacionado com o testamento de Gonçalo Gonçalves Peixoto e ao dizer-se em determinado passo: ...«Sente grave incomodo em mandar o Azeite para a lâmpada todos os dias da semana ou todos os meses, distando o mosteiro de sua casa duas légoas.»

A esta distância, trata-se, possivelmente, da casa da Quinta de Pousada. E se atendermos ser em Azurém a residência do testador, localizamos, consequentemente, a obra da Casa dos Peixotos no séc. XIII, anterior à data do testamento (1302 da era de Cristo).

Não topamos com qualquer documento relativo à precisa data da sua construção; afigurando-se-nos, todavia, que a edificação deve ter-se verificado, possivel-

---

Carvalho por donde se mostra ser o legítimo sucessor e possuidor do Morgado dos Peixotos de que é cabeça a quinta de Pousada» (1639) — em que se faz alusão à data de 1302. Tal vem indicar que a de 1340 é da era de César.

<sup>(12)</sup> Existente no arquivo da casa.

mente, por meados daquele século. De resto, as pedras falam por si, acusando o primitivismo do gótico, já referido, coetâneo das primeiras influências do estilo criado pelos discípulos de S. Bernardo.

Embora este estilo tivesse, como dissemos, o seu início entre nós em Alcobaça no tempo do nosso primeiro monarca, o certo é que foi normal, através dos séculos XII e XIII, continuar a fazer carreira em Portugal o estilo românico (13).

E por isso, o facto da família dos Peixotos ter a sua origem num filho do fundador da primeira dinastia, muito tem contribuído para afirmações inexactas quanto ao verdadeiro estilo architectónico da parte medieval da Casa da Pousada.

Alfredo Guimarães e Afrânio Peixoto, firmados no conhecimento dessa real ascendência, o primeiro dizia-nos e o segundo escreveu na sua obra «Viagens na minha terra» — que se tratava duma construção românica.

É certo não ter nenhum deles observado directamente a Casa de Azurém, e por conseguinte, aquela conclusão a que chegaram foi-lhes ditada pela erudição que, embora muito necessária neste capítulo, por vezes não é suficiente.

Recordamos, a propósito, o saudoso artista António de Azevedo, a cuja análise directa das coisas, servida pela sua acuidade visual de escultor, tanto se lhe fica devendo no campo da Arqueologia Artística, pelos preciosos e inteligentes esclarecimentos que nos legou.

Uma visão directa e atenta da Casa dos Peixotos não pode deixar dúvida de que a parte medieval existente filia-se naquele tipo de construção influenciado pelo novo estilo, surgido em Alcobaça há cento e alguns anos atrás.

Se atendermos, agora, a que o gótico vimaranense das Igrejas de Nossa Senhora da Oliveira, de S. Domingos e de S. Francisco, localizando-se no último quartel

---

(13) «...parece corresponder melhor ao temperamento da população e às condições do seu ambiente» — António Sérgio, *Breve Interpretação da História de Portugal*, p. 24.

Em Espanha passa-se um fenómeno semelhante; bem patente, por exemplo, na cidade de Segóvia.

do séc. XIV (14), é posterior ao de Azurém, como explicar a origem deste afloramento?

É possível que a primeira Igreja de S. Domingos (1279), edificada no local «que hoje se chama a Porta da Vila», «no final do reinado de D. Afonso III» (15); bem como a de S. Francisco (1282), igualmente construída junto à muralha; e ambas mandadas demolir, juntamente com as instalações conventuais anexas, por D. Dinis em 1322 (16), já apresentassem influências cistercienses e, então, teríamos um elemento local a explicar o goticismo da parte medieval da Casa de Pousada.

Seja como for, o certo é que se trata dum exemplar de arquitectura civil do gótico primário, único hoje no Concelho de Guimarães e dos poucos vestígios, no género, ainda existentes em Portugal.

Seria óptimo que se tivesse mantido, através dos tempos, sem transformações e acréscimos. Mas terá porventura havido construção que não tenha sofrido posteriormente alterações? Ainda pior do que isso, assistimos hoje, com má-gua, à camartelagem de belos prédios do século passado, alguns já com certo valor arqueológico, para no seu lugar serem implantados blocos de rendimento.

Às manifestações de progresso tem de necessariamente presidir uma plena informação ao serviço duma inteligência compreensiva, de molde a obter-se aquele equilíbrio característico de tudo que resulta dos meios onde a cultura domina.

E a Arqueologia Artística, como elemento de inegável valor cultural, tem de ser escrupulosamente acatada.

Desde o século XIII a Casa de Pousada sempre esteve na posse da família dos Peixotos até ao último morgado, Dr. João Gonçalo Francisco de Borja Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, que a vendeu com todas

---

(14) António de Azevedo, *Santa Maria de Guimarães*, p. 18.

(15) Sant'Anna Dionísio, *Guia de Portugal* (Fundação Calouste Gulbenkian), 4.º vol., p. 1214.

(16) Frei Manuel da Esperança, *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco* (1656), p.p. 147 e 148.

Padre Torquato P. de Azevedo, *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (1692), ed. de 1845, p.p. 341 e 345.

as propriedades de Azurém, na última década do século passado, a Domingos José Ribeiro Guimarães, nosso Avô materno.

Por essa altura, era a casa habitada pelo caseiro da Quinta de Pousada de Dentro; e assim já devia acontecer desde o séc. XVIII, quando os fidalgos construíram uma nova moradia, em frente, ao gosto da época.

Ficou este edifício reduzido às paredes devido a um incêndio ocorrido em Fevereiro de 1922; mas ainda nos recordamos de certos pormenores do interior, como sejam duas alcovas ao geito setecentista. Temos destas na memória a imagem de porções de estuque decoradas com filetes doirados, bem como nos lembramos de um braço de madeira dos Peixotos de Carvalho, felizmente salvo do incêndio e mais tarde oferecido por nossa Mãe ao saudoso amigo, Senhor D. Gonçalo de Peixoto e Villas-Bôas (Guilhomil).

Não sei se ainda lá está, mas há poucos anos vimos esse braço numa das salas da Casa de Guilhomil (freguesia de Matamá, no concelho de Guimarães).

### III — *Transformações*

Uma das primeiras transformações da Casa dos Peixotos deve ter sido operada no séc. XVII, quando lhe fizeram o acréscimo do corpo a Norte, hoje sala de entrada, ligada à parte medieval por uma porta em ogiva que, até essa data, seria uma porta para o exterior. O acesso a esta, pensamos que deveria ser pela escada ainda hoje existente, do cimo da qual partiria uma plataforma apoiada sobre as rochas e, possivelmente, munida de qualquer dispositivo de defesa.

O acréscimo veio, segundo julgamos, ocupar o lugar dessa passarela e do restante espaço sobre os penedros; mas verifica-se que toda esta área não era de molde à execução da parede a Norte com aquela espessura em uso na época, para não comprometer o espaço útil do compartimento. E assim, aparece-nos uma parede muito delgada rasgada por duas janelas<sup>(17)</sup> cujos gon-

---

(17) Os mainéis em cruz, agora existentes foram colocados no restauro efectuado em 1903.

zos das portadas, dada a exígua espessura da parede, funcionam numas saliências na pedra, habilmente concebidas.

De resto, a finura da parede em nada diminuiu a estabilidade da construção, devido à solidez rochosa do alicerce.

Neste compartimento foi instalado um fogão, cuja chaminé de tijolo chegou intacta até à actualidade.

Mas a transformação não ficou pelo acréscimo.

Parece-nos ter sido o momento em que a parte medieval com a forma de torre sofreu sensível alteração.

O Padre António Carvalho da Costa, na sua obra «Corografia Portuguesa» do séc. XVII, refere-se ainda à existência duma torre — «Aqui está huma Torre, solar dos Peixotos» (18) — ao descrever a freguesia de S. Pedro de Azurém (Azurey). Um campo situado a Sul da Casa, sempre foi conhecido por Campo da Torre.

Ora, a construção como se apresentava no fim do séc. XIX (fig. 3), isto é, com o aspecto que tomou após a transformação que vimos referindo, em nada sugere tratar-se de uma edificação em forma de torre.

Afigura-se-nos que a parte superior desta, deve ter sido por qualquer razão apeada, substituindo-a pelo acrescentado a Norte, de que falamos.

Admitimos que tal modificação tenha sido devida, em parte, a um reflexo seiscentista, quando as moradias tendiam, então, a desenvolver-se mais na horizontal.

Na foto (fig. 1), representando a parte da casa voltada a Sul, nota-se no cunhal da esquerda, junto ao telhado, um modilhão que não existe no da direita. Esse cachorro não faz, portanto, parte de qualquer cornija de pedra, mas sim vemos nele um possível suporte de balcão, integrado no prolongamento da torre. Além disso, ao examinarmos detidamente aquela foto, correndo a vista pela horizontal da beirada, e relacionando-a com a altura do prédio, colhemos a nítida sensação de que a casa, para ser uma torre, não podia ter solução de continuidade por aquela linha.

---

(18) P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa, *ob. cit.*, ed. de 1868, p. 95.

Parece-nos lógico concluir, ter havido, na realidade, uma amputação.

A chaminé de pedra que se nota à esquerda (fig. 1), de curioso recorte de sabor mourisco, deve ter sido erguida ao tempo da transformação de que vimos a tratar.

Temos, pois, que a casa com que se depara no fim do século XIX (fig. 1 e 3) era o fruto desta transformação e constava, afinal, de duas grandes divisões: uma a Sul (séc. XIII), ligada por uma porta ogival a outra a Norte (séc. XVII). Desta divisão havia uma porta para um varandim sobre o penedo localizado a Poente, como se pode notar à esquerda (fig. 1).

Era a casa, nesta altura, como dissemos, habitação do caseiro da quinta e havia exteriormente, encostadas à torre, instalações cujos sinais são visíveis (fig. 3), para o acesso às quais, do interior, rasgaram a abertura que se nota por debaixo da janela armoriada.

Foi com a casa nestas condições e apresentando um deplorável aspecto de ruína, que se deu início ao primeiro restauro, o qual passamos a relatar.

#### IV — *Restauros*

1.º — 1903. Foi nesta data que o nosso Pai, desocupando a casa, procedeu ao início do seu restauro com o objectivo de a tornar habitável como vivenda de campo.

Foi auxiliado na tarefa pelo seu amigo, Dr. Carlos Lopes, então residindo em Guimarães, para pouco depois ir fixar-se em Lisboa a exercer a advocacia.

Após alguns estudos, resolveram prolongar as paredes da parte medieval, dando a esta a forma de torre, firmados provavelmente em razões do tipo das por nós atrás apontadas. E, deste modo, foram colocados, sobre o prolongamento, bem como sobre a parte da casa existente a Norte, os respectivos merlões e gárgulas (fig. 4).

Servindo de modelo a janela da parte medieval voltada ao Sul (fig. 1), foram abertas na parte nova dattor, três janelas: uma a Nascente, outra a Sul e uma outra a Poente; e na parede a Norte foi rasgada uma portada

em ogiva, de acesso a um terraço feito sobre a parte já existente (séc. XVII).

Com vista à ampliação da casa, aproveitando o espaço existente sobre a laje a poente, foi edificado sobre ela um corpo complementar ameadado, destinado às instalações da cozinha e casa de banho.

A chaminé localizada no cunhal a Sudoeste, a que já nos referimos, foi então transferida para a nova cozinha.

Este restauro limitou-se, pode dizer-se, à obra de pedreiro<sup>(19)</sup>, pois, além dela, apenas foi construída a armação do telhado da torre e feito o terraço acima apontado. Este, executado numa altura em que a técnica do betão estava na sua infância, não pôde ser aproveitado na conclusão do restauro por nós levada a cabo muito posteriormente.

Houve neste início de restauro, em 1903, algo de precipitação. Assim, o prolongamento da torre foi além do que devia, talvez por influência dos exagerados «pés direitos», tanto em voga ao tempo do restauro; deveriam, ainda, ter sido colocados merlões de formato diferente, de terminal em pirâmide, mais a carácter com as construções deste tipo; nas janelas do piso superior da torre, também não foram respeitadas as medidas do modelo; e, finalmente, o encosto à torre da chaminé da frente (fig. 4), se teve a finalidade de a preservar, comprometeu a sua função e seria preferível prolongá-la, reconstruindo-a mais acima<sup>(20)</sup>.

Enfim, embora com estas deficiências, a obra resultante deste início de restauro apresenta um miraculoso equilíbrio agradável, sem dúvida, apenas talvez um tudo-nada cenográfico. Interrompido por várias circunstâncias, este restauro da Casa dos Peixotos assim permaneceu incompleto durante mais de meio século, até que em 1958, tomando nós posse do prédio, resolvemos concluir a obra.

---

(19) Trabalharam aqui os conhecidos Mestres Gateiras, canteiros da obra da Igreja de S. Torcato.

(20) Na conclusão do restauro em 1959, não corrigimos esta chaminé, mas é obra que ainda esperamos executar.

2.º — 1959 (21). No princípio deste ano, deu-se início à continuação do restauro pela obra de pedra do lançamento duma escada de serviço de acesso à cozinha. Executou-se esta nos moldes da existente que conduz à sala de entrada mas, deu-se-lhe pouca largura a fim de, colando-a bastante à torre, contribuir-se deste modo para o equilíbrio do conjunto.

Para conseguir espaço, com o fim de rasgar a porta de entrada da cozinha, houve a necessidade de desviar o cunhal, o que deu origem a uma pequena saliência que ficou com a forma de contraforte.

Na parte da casa, a Oeste, executou-se também a obra de pedra da consolidação dos cachorros que sustentavam a parede da divisão destinada à casa de banho, prolongando-se esta parede até ao cunhal do corpo ocupado pela sala de entrada (séc. xvii). Deu-se-lhe o traçado em curva, imposto pela necessidade de espaço destinado a um vestíbulo, e abriu-se-lhe uma janela para iluminação deste.

Foi de aqui que partiu a escada para o piso superior, a qual fez-se funcionar numa caixa integralmente de pedra que, a partir da cota do terraço, tomou exteriormente o aspecto de contraforte encostado à torre.

Rasgou-se nesta, então, uma abertura para ingresso naquele piso e abriu-se uma pequena janela ogival na caixa da escada, ao nível do terraço, visando o objectivo de iluminação.

Pensamos, ao executar a escada, que ficou de lanças rectos, fazê-la antes de caracol, o que estaria, sem dúvida, mais de acordo com o requerido em ambientes medievais; mas esbarramos com o óbice da falta de espaço. Para realizar esse intento, seria preciso desviar a parede do vestíbulo mais de um metro para o exterior e, então, em vez de ficar apoiada nos cachorros, iria até ao solo, ocultando em parte os penedos e, consequentemente, prejudicaria o aspecto roqueiro da construção. Além disso, a obra resultaria sensivelmente mais dispendiosa.

---

(21) Fomos auxiliados neste trabalho pelo nosso amigo Arq.º C. Pereira Leite.

Também procedemos à construção duma outra escada de ligação ao piso inferior, localizado por debaixo da casa de jantar (parte medieval), a qual foi quase toda aberta na rocha e deu ensejo ao aproveitamento deste piso da casa. E assim, num espaço entre os penedos, foi-nos possível a instalação dum quarto com lavabo e, abrindo uma porta na parede a Norte, conseguir um aproveitamento semelhante por debaixo da sala de entrada, destinado a arrumos e garrafeira. Na primeira destas divisões, foi aberta uma janela decalcada na armoriada que lhe fica por cima e aproveitando o rasgo<sup>(22)</sup> feito outrora na parede.

Com a execução do saco da chaminé do fogão da sala de entrada e duma porta de serviço a ligar a casa de jantar à cozinha, ficou concluída a obra de pedreiro.

Procedeu-se em seguida à obra da construção dos pavimentos que ficaram em lajes de betão armado revestidas de tijoleira, tanto no interior como nos terraços.

O piso superior da torre foi dividido em três aposentos cujas portas dão para um corredor de acesso à escada e terraço.

Neste piso, as paredes ficaram rebocadas e impermeabilizadas, a fim de se evitar quaisquer infiltrações de humidade, uma vez que o prolongamento da torre é de perpianho.

Adoptou-se, nestas divisões no andar superior, o tecto de madeira e, nas do inferior, aproveitou-se o fundo branco da placa, sobre a qual foram colocadas vigas de castanho.

O trabalho de carpinteiro completou-se com a execução de todas as portas e portadas interiores das janelas.

Em todas estas, foram montados vitrais de chumbo, bem como se aplicou o mesmo vidro oxidado na porta que dá para o terraço. Com a canalização da água, trazida duma nascente situada a quinhentos metros e a instalações eléctricas para luz e aquecimento, concluiu-se em Novembro de 1960 este restauro — reconstituição.

---

(22) No restauro de 1903 esta abertura foi tapada exteriormente, ficando reduzida a uma fresta.

Foi obra a que nos abalançamos, dentro do compatível com as nossas disponibilidades, pensando sempre na preservação do arqueológico, numa solução de equilíbrio com o funcional.

Servimo-nos dos nossos modestos conhecimentos, meditando longamente sobre um assunto de natureza a não se conciliar com pressas; e teríamos possivelmente actuado em determinados pontos por forma algo diversa, se não fôssemos coagidos a respeitar certas limitações.

Como tudo o que se fez teve o objectivo de tornar a casa habitável, justifica a reconstituição.

De resto, só dando uma função utilitária é que compreendemos um restauro deste tipo.

Era esta a opinião de Ramalho Ortigão<sup>(23)</sup>, causando estranheza na sua época, em que a Arqueologia Artística tão longe estava do nível de científica sistematização que hoje ocupa.

Mas infelizmente, neste momento, parece continuar ainda incompreensível por elementos com responsabilidade, aquela sábia e actualíssima opinião.

Assim, estão patentes ao público reconstituições, miscelâneas de trigo e jóio, apresentadas como que de cereal puro se tratasse<sup>(24)</sup>.

Não descortinamos positivamente qual a função didáctica destas mistificações, na medida em que os monumentos devem ser autênticas e sérias páginas de informação dos ambientes que lhes deram origem.

É certo que muitos deles sofreram modificações através dos tempos; mas essas figuram já como outras tantas páginas<sup>(25)</sup> a preservar, pelo seu conteúdo esclarecedor no domínio da evolução da Arte no tempo.

---

<sup>(23)</sup> *Arte Portuguesa*, tomo I, p. 230, Lisboa, 1943.

<sup>(24)</sup> Ocorre-nos, com agrado, invocar a louvável e enérgica reacção do nosso ilustre conterrâneo e eminente arqueólogo, Coronel Mário Cardozo, contra o infeliz e fantasioso arranjo efectuado há anos na muralha da cidade de Guimarães, junto à actual Praça de Mumadona, reacção esta considerada justa por Sant'Anna Dionísio e por ele transcrita no *Guia de Portugal*, 4.º vol., p. 1144.

<sup>(25)</sup> Por vezes de valor inestimável, como o «barroco» do interior da Igreja gótica de S. Francisco no Porto, mundialmente admirado e salientado por superiores competências, como Germain Bazin, conservador chefe do museu do Louvre.

Agora, as reconstituições apresentadas como peças arqueológicas autênticas, essas ficarão a atestar a incompreensão e o atraso relativamente aos verdadeiros propósitos da Arqueologia neste séc. xx (26).

A casa dos Peixotos aí fica, amparada a parte do séc. XIII, para aguentar outro tanto tempo ou mais.

E foi este o nosso principal propósito — proteger para a posteridade essa pequena parte medieval que, com a sua janela geminada, vista do interior (fig. 5), num conjunto do recorte gótico com os seus grandes poiais, transporta-nos, como num sonho, a recuados ambientes de há setecentos anos.

Sentimo-nos compensados de todo o esforço e trabalho dispendidos no restauro, ao contemplar esta janela.

O resto, salvo a parte da sala de entrada (séc. XVII), não tem qualquer interesse arqueológico, como é óbvio; mas é um complemento a concorrer para, dentro dum relativo equilíbrio, integrar o conjunto na sua função como vivenda.

Porto, 26/7/72

---

(26) Tivemos a oportunidade de observar directamente o que se está a fazer neste campo presentemente, em particular na Itália, Grécia e Turquia, sob o patrocínio da Unesco.